



O futebol pesa mais do que a língua na ligação dos emigrantes portugueses ao país de origem

Natália Faria

O Euro 2004 marcou um ponto de viragem que permitiu a muitos emigrantes reconciliarem-se com Portugal, segundo investigadores do ICS

● Não falam português, não sabem o que são bolinhos de bacalhau e a imagem que guardam é a de um Portugal rural e atrasado. Os filhos e os netos dos emigrantes portugueses tendem a perder as ligações ao país de origem e isso não é novidade para ninguém. O que é novo é constatar o papel do futebol junto destes luso-descendentes: à boleia de jogadores como Cristiano Ronaldo ou Luis Figo, este desporto está a conseguir “prender” os emigrantes de segunda e terceira geração ao país de origem. E, mais do que isso, afirmou-se, sobretudo a partir do Euro 2004, como a face moderna de Portugal. Resultado: “Aqueles jovens sentiram orgulho pela primeira vez em afirmar aos colegas ‘ah, não sei se sabes, mas eu sou descendente de portugueses’”, sustentou a socióloga Nina Clara Tiesler, investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Esta socióloga está a coordenar uma investigação sobre o papel do futebol em seis “espaços lusófonos”, em Inglaterra, Alemanha, EUA, França, Brasil e Moçambique. O trabalho ainda não está concluído. Mas, depois de centenas de entrevistas a emigrantes, a socióloga já firmou algumas conclusões. Que ajudam a explicar, por exemplo, por que é que uma das preocupações fundamentais de qualquer representante governamental de visita às comunidades de emigrantes é garantir que os jogos da Liga são transmitidos na RTP Internacional. “Os próprios governantes usam o futebol como ferramenta para ‘prender’ os emigrantes ao país de origem”, afirma a socióloga, ressaltando que esse é um jogo recíproco, ou seja, “a promessa surge como resposta ao interesse pelo futebol que já existe entre os emigrantes”. Dado elucidativo: o



O futebol “prende” a Portugal os emigrantes de terceira geração

jornal *A Bola* tem uma edição local em New Jersey, local de grande concentração de portugueses nos Estados Unidos, e é “o jornal português mais vendido fora do país”.

Para ajudar a explicar este cenário, Nina Clara Tiesler começa por explicar por que razão, entre os emigrantes, os elementos que tradicionalmente reproduzem a portugalidade, como a língua, a cultura popular e a política, se vão perdendo de país para filhos. “Além dos fenómenos normais de assimilação, as ‘escolinhas’ de português no estrangeiro têm cada vez menos apoios e estão a desaparecer. Claro que alguns pais falam português em casa, mas o que as crianças aprendem é um português pouco sofisticado que nem sabem escrever”.

Por outro lado, à boleia do mesmo argumento de crise económica, muitas embaixadas e consulados fecham as portas. “Um emigrante que queira votar nas eleições portuguesas tem, por vezes, de andar 300 quilómetros”, nota a investigadora.

Nestas comunidades, além de ser o principal *link* ao país de origem, o futebol é, ao mesmo tempo, o principal elemento de ligação entre os diferentes tipos de emigrantes. Aquilo que junta o português que trabalha numa lavandaria e o que foi trabalhar na Bolsa. “Em Inglaterra, onde tradicionalmente os emigrantes portugueses têm um baixo estatuto social, assiste-se à chegada de novos emigrantes portugueses com formação académica e que moram em bairros sofisticados.

Apoio à selecção

Bandeiras e orgulho nacional dentro e fora da fronteira

Nunca como no Euro 2004 se viu tanta bandeira pendurada nas janelas, tantos adeptos pintados de vermelho e verde. “Isso foi mérito de Scolari, que conseguiu importar esse elemento carnavalesco do Brasil”, nota Nina Clara Tiesler. Mas, para a socióloga, “a ideia de que aquele mar de bandeiras era uma grande prova de orgulho nacional só é válida junto dos emigrantes”. “Dentro do país – sustenta – as pessoas separam o apoio à selecção do nacionalismo, isto é, são orgulhosos da sua selecção, mas não são orgulhosos de ser portugueses em todos os aspectos”. Ao contrário, entre os emigrantes não existe essa liberdade crítica: “Quando um emigrante de New Jersey é entrevistado por causa do futebol, ele põe-se na defensiva e sente necessidade de provar a sua lealdade ao país: fala dos santos populares, mas não há ali espaço para críticas ao Governo”.

E, num sábado de Porto-Benfica, estes dois tipos de emigrantes, que nunca se cruzam, juntam-se na mesma tasca de Stockwell para assistir ao jogo”, exemplifica a investigadora, para sustentar a afirmação de que o futebol é “muito mais democrático” do que os demais transmissores da “portugalidade”.

Para a investigadora, o Euro 2004, organizado por Portugal, representou um momento de “viragem histórica” junto dos emigrantes que ajudou a reconciliarem-se com o país. “Ao mostrar a face de um Portugal bonito e organizado, o Euro serviu para compensar o baixo estatuto social que algumas comunidades de emigrantes portugueses ainda têm, sobretudo em países como Alemanha, França, Inglaterra ou Suíça”.



Diáspora
O futebol pesa mais do que a língua na ligação dos emigrantes
Pág. 10